

ARTE/EDUCAÇÃO ATRAVÉS DAS TRÊS ECOLOGIAS DE FELIX GUATTARI: outras perspectivas para o estudo do ensino da arte.

OLIVIA DE ALMEIDA SOARES¹; JOSUÉ KUHN VÖLZ²; MARISTANI POLIDORI
ZAMPERETTI

¹Universidade Federal de Pelotas – livvsoares@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – josuekvolz@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo se originou a partir da necessidade de dar continuidade ao estudo iniciado durante a graduação, concretizando-se na escrita do Trabalho de Conclusão de Curso “O Ensino de Artes Visuais no despertar do pertencimento no ambiente escolar: uma experiência de estágio no Ensino Médio”, no qual o intuito foi compreender o potencial da Arte/Educação na mediação entre os sujeitos e o ambiente escolar ao mesmo tempo que relatava e analisava minha prática docente durante um estágio supervisionado na rede pública. Dessa vez, como forma de demonstrar a intenção em aprofundar minha pesquisa acerca da relação sujeito e meio ambiente, deparei-me com as três ecologias propostas por Félix Guattari (1990): a ambiental, a social e a subjetiva. Procuro, durante a leitura, investigar de que forma a Arte/Educação pode criar novas formas de ser e estar no ambiente, ultrapassando o espaço escolar e indo em direção a uma conscientização crítica e ecológica do sujeito.

2. METODOLOGIA

A principal referência teórica para o desenvolvimento desta pesquisa será a obra “As três ecologias” (GUATTARI, 1990). Isto porque o autor nos apresenta três perspectivas que podem potencializar os estudos de ensino de artes atravessados pela educação ambiental. A primeira é do meio ambiente, na qual o filósofo se refere ao ambiente natural e físico que nos rodeia. A segunda é a perspectiva das relações sociais, em que é discutido acerca da socialização entre os indivíduos e sua complexidade. Já a terceira é a da mente, em que Guattari (1990) refere-se aos aspectos individuais e coletivos da psique humana. Em diálogo com este trabalho, utilizarei os autores e autoras que me auxiliaram na pesquisa para a execução do trabalho de conclusão de curso “O ensino de artes no despertar do pertencimento no ambiente escolar: uma experiência de estágio” (2024). Entre estes estão Leandro Belinaso Guimarães (2008), Mirian Celeste Martins (1993, 2006), Passos, Kastrup e Escóssia (2015), Paulo Freire (2014), Carvalho, Grün e Avanzi (2009) e Charréu (2019). Já que meu propósito principal é direcionar a pesquisa para um viés mais crítico e combativo às desigualdades e crises vigentes, busco apoio teórico em autores com visão crítica a dinâmica colonial de pensamento como Marladeth, Reis e Sússekkind em “Ecologia de saberes” (2020), Ailton Krenak (2019), bell hooks (2017) e Antônio Bispo dos Santos (2023).

A pesquisa em questão seguirá rumo qualitativo, já que com ela se pretende compreender os caminhos e motivações até a pergunta central. Para isto, utilizarei a cartografia (BARROS; KASTRUP, 2009) enquanto metodologia de pesquisa para

dar continuidade a intenção e trajetória de pesquisa. Para pensar minha atuação enquanto educadora e membro pertencente ao ambiente escolar, utilizo um diário de bordo como ferramenta de registro de minhas vivências escolares. O que, por sua vez, possibilita a transformação das “observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer” (BARROS; KASTRUP, 2009, p. 70). Meu diário de bordo tem formato de caderno e nele pode conter anotações sobre a leitura, citações, desenhos, pensamentos que me atravessam durante o processo de estudo. Agora, esse dispositivo deve suprir o papel de acompanhar meu percurso enquanto pesquisadora ao dar outro tom para minhas leituras, pensamentos e vivências durante o período, permitindo-me acessar a subjetividade que atravessa o processo de pesquisa de forma mais íntima e profunda.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo de toda trajetória investigativa, foram exploradas as contribuições de autores de diferentes áreas do conhecimento, como Yi-Fu Tuan (1983), Merleau-Ponty e Paulo Freire (2014). Certa transdisciplinaridade me auxilia em encarar a Arte/Educação enquanto experiência no meio vivencial e, ao mesmo tempo, refletir acerca da realidade de esgotamento do meio ambiente. Logo, surge o interesse em pensar formas para a germinação de um pensamento/comportamento mais vinculado e harmonioso com o mundo através da sensibilização do olhar capacitada pelo ensino de artes (BRANDÃO, 2024).

De forma a buscar uma perspectiva que viabilize o questionamento acerca da dicotomia humanidade/meio ambiente e da noção de natureza como algo intocado e distante de nós, trago ao diálogo autores que investigam e revelam a construção do relacionamento com o mundo que o modelo social regente impõe. Segundo Guimarães (2008), as produções culturais moldam a forma como grupos interagem com o mundo. Além disso, conforme discutido por Merladeth, Reis e Sússekkind (2020), a modernização se constrói por meio da violência civilizatória, marcada por processos coloniais. Portanto, a modernidade sustenta-se em práticas sacrificiais que produzem desigualdades, exemplificadas pelo racismo, o epistemicídio indígena e a crise ambiental.

O estudo acerca dos assuntos apresentados foi essencial tanto para a preparação das aulas dadas no estágio supervisionado, quanto para a reflexão sobre minha própria prática docente. Em diálogo com os temas, o exercício de leitura de imagens foi a atividade orientadora de todas as outras propostas realizadas durante esse período. Ao entrarem em contato e dialogarem acerca de obras de arte que atravessam o tema “paisagem”, os alunos puderam também refletir sobre o espaço que ocupam no cotidiano escolar. A produção artística dos alunos, baseada nas imagens coletadas e produzidas no ambiente escolar, mostrou-se uma ferramenta poderosa na subjetivação do espaço. O “olhar-pensante”¹ (MARTINS, 2006), sensibilizado pelo contato com a arte, resultou em uma transformação na forma como os alunos percebiam e se relacionavam com o ambiente escolar.

¹ Olhar-pensante é um termo trabalhado pela autora Mirian Celeste Martins e ocorre quando a percepção do ser é mobilizada por algo (seja uma obra de arte, um livro) o permitindo outras formas mais complexas e inventivas do olhar.

Assim, a proposta de encarar o meio como parte do processo de subjetivação se descola da “visão utilitarista do meio ambiente” pautada em um “ponto de vista europeu/colonizador” (BRANDÃO, 2024) e a Arte/Educação surge aqui como um campo essencial para abordar essas questões, oferecendo possibilidades inventivas de pensamento e ação diante das adversidades da crise ambiental.

4. CONCLUSÕES

O presente texto buscou apresentar a fertilidade do diálogo entre a Arte/Educação e as três ecologias de Félix Guattari, com o objetivo de compreender como o ensino de artes pode promover novas formas de ser e estar no mundo, ultrapassando o espaço escolar e fomentando uma conscientização crítica e ecológica dos sujeitos. A análise das dimensões ambiental, social e subjetiva tem a capacidade de apresentar uma abordagem mais integrada, revelando a arte como um meio potente para sensibilizar o olhar e ampliar a percepção da relação entre os indivíduos e o meio ambiente.

Ao traçar um diálogo entre autores como Paulo Freire, Yi-Fu Tuan e Ailton Krenak, entre outros, foi possível evidenciar a relevância de uma educação transdisciplinar e crítica, que reconhece a necessidade de questionar as dicotomias impostas pela modernidade e o colonialismo. A Arte/Educação, nesse contexto, se mostra capaz de transcender as noções tradicionais de ensino, promovendo práticas inventivas e conscientes diante da crise ambiental e das desigualdades sociais.

Em conclusão, a pesquisa pretende reforçar o papel da Arte/Educação como um campo essencial para a formação de indivíduos críticos, que, ao compreenderem sua relação com o meio ambiente e com os outros, podem agir de forma mais ética e sustentável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, L; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015. 207 p.

BRUNO, G. B. M.; BRANDAO, C. M. M. ENREDAMENTOS VITAIS DA ARTE/EDUCAÇÃO AMBIENTAL (vinculada ao projeto de pesquisa DO PINCEL AO PIXEL: SOBRE A (RE)APRESENTAÇÃO DE SUJEITOS/MUNDO EM IMAGENS, e ao PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, UFPE/CNPq). **EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM AÇÃO**, v. XXI, p. 01-06, 2024.

CARVALHO, I. C.; GRÜN, M.; AVANZI, M. R. Paisagens da compreensão: contribuições da hermenêutica e da fenomenologia para uma epistemologia da educação ambiental. **Cadernos CEDES**. Campinas. v. 29, n. 77, p. 99–115. 2009.

CHARRÉU, L. A cartografia e a artografia como métodos vivos de investigação em arte e em educação artística. **Diacrítica**. Minho. v. 33, n. 1, p. 83–103., 2019.

FREIRE, P. **A pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 48ª ed - Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papirus, 1990.

GUIMARÃES, L. B. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Inter-Ação**: Rev. Fac. Educ. UFG, 33 (1): 87-101, jan./jun. 2008
hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade - 2ª ed - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MARTINS, M. C. (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação – **Revista do Departamento de Educação/UNISC** - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27.

MARTINS, M. C. O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar. In: **ARTEunesp**, São Paulo: 9: 199-217, 1993.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4a ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** - São Paulo: DIFEL, 1983